



UMA DISCUSSÃO ACERCA DO CORPO COM DEFICIÊNCIA A PARTIR DO NEOPRAGMATISMO DE RORTY

DOI: <https://doi.org/10.4013/con.2023.191.03>

Francisco Raimundo Chaves de Sousa

Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI)

franciscochavesph@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1989443995869071>

Heraldo Aparecido Silva

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Professor Associado na Universidade Federal do Piauí (UFPI)

heraldokf@yahoo.com.br

<http://lattes.cnpq.br/1328012571835066>

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é discutir a visão essencialista do corpo com deficiência, normalmente expressada através de ideais de normatividade corporal, a partir das noções de narrativa, antiessencialismo e antirepresentacionalismo do filósofo estadunidense Richard Rorty (1931-2007). Nessa perspectiva elencamos a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, especificamente na narrativa da personagem Eugênia, a qual representa uma crítica machadiana à uma visão social discriminatória da pessoa com deficiência. Assim, buscamos, conforme sugere Rorty, aproximar o debate filosófico da literatura e de questões que estão inseridas em nossa comunidade. Para fundamentar esta discussão trabalharemos com o seguinte referencial teórico: Assis (2012), Rorty (1994; 1997; 1999; 2007; 2010) e Silva (2020).

PALAVRAS-CHAVE:

Corpo com deficiência. Neopragmatismo. Literatura. Rorty.

A DISCUSSION ABOUT THE BODY WITH DISABILITIES BASED ON RORTY'S NEOPRAGMATISM

ABSTRACT:

The objective of this work is to discuss the essentialist view of the disabled body, normally expressed through ideals of corporal normativity, based on the notions of narrative, anti-essentialism and anti-representationism of the American philosopher Richard Rorty (1931-2007). From this perspective, we list the work *Memórias Póstumas de Brás Cubas* by Machado de Assis, specifically in the narrative of the character Eugênia, which represents Machado's critique of a discriminatory social view of people with disabilities. Thus, we seek, as Rorty suggests, to bring the philosophical debate closer to literature and issues that are inserted in our community. To support this discussion, we will work with the following theoretical framework: Assis (2012), Rorty (1994; 1997; 1999; 2007; 2010) and Silva (2020).

KEYWORDS:

Disabled body. Neopragmatism. Literature. Rorty.

1. Introdução

Pensamos que não há trabalho ou pensamento filosófico sem questionamentos que nos levem à elaboração de um percurso argumentativo que visa a enriquecer o debate em torno do tema no qual a questão levantada foi inspirada. Assim, nossas reflexões partem de um diálogo entre as indagações que nos movimentam intelectualmente e as indagações que os filósofos de variadas tradições dedicaram tempo e esforço para tentar responder. O isolamento dessas tradições em categorias não desconecta as influências que uma tem sobre a outra. Com isso, não queremos dizer que devemos insistir nas mesmas respostas e nas mesmas questões somente porque tivemos que optar pelo aprofundamento dos estudos em uma tradição específica. É importante percebermos que toda teoria tem lacunas e é exatamente nessas lacunas que a autocrítica e a crítica de uma tradição a outra são viabilizadas.

Desse modo, pensamos na ave símbolo representante da filosofia, a coruja. Várias razões são levantadas para justificar a escolha dessa ave para essa difícil tarefa, entre elas, o seu hábito noturno. Ou seja, depois que todos dormem a coruja abre seus olhos sob a noite e a observa, ao tempo que perscruta ao seu redor como se analisasse os acontecimentos do dia. Podemos ter uma leitura da filosofia da mesma

forma, depois que as questões são postas elas são analisadas e profundamente discutidas. Também pensamos nas tradições filosóficas sendo a capacidade de girar a cabeça que a coruja tem, ou seja, sem necessariamente apontar o que está certo ou errado é possível ver de diversas maneiras. Nesse sentido, o que podemos ou não vir a defender pode ser criticado ou revisto a qualquer momento. Por exemplo, a questão de como o indivíduo encara o mundo à sua volta é respondida pelo Neopragmatismo a partir da discussão da contingência, da capacidade de redescrição, e do avanço do contato com outras áreas da cultura, a exemplo da literatura (RORTY, 2007, 2010).

Dessa forma, esse texto abordará alguns aspectos relacionados às noções de antiessencialismo, antirepresentacionismo e narrativa no Neopragmatismo de Richard Rorty aproximando-as da discussão de uma questão atual que é a do corpo com deficiência. Destarte, objetivamos debater essa questão sob perspectiva do olhar filosófico-literário. Mesmo que, tal como a coruja faz, tivemos que esperar a noite chegar para debatermos esse tema, ou seja, tardiamente. Também pensamos que a noite traz a tranquilidade necessária para a devida percepção dos detalhes que normalmente estão por trás do véu da normalização.

A normalização, por vezes, tem por base o argumento acrítico e baseado no senso comum de que existe um padrão considerado correto para a maneira que damos sentido aos objetos, seres vivos como animais e plantas, nossas relações sociais e etc. Contudo, essa visão não provém apenas das camadas não intelectuais da sociedade, o Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci, tido como modelo de harmonização das formas, e teorias que defendem a existência de essências ou fundamentos também endossam a visão de o que foge ao modelo normalizado é estranho e deve ser excluído, ou seja, deixado à margem. Neste texto, buscamos um contraponto a esse tipo de cenário e o que perspectiva de Rorty (1994, 2007), nos traz é mais um dos ângulos em que podemos discutir essa problemática.

À vista disso, estabelecemos conexões entre o debate rortiano sobre a possibilidade de mudanças em nível pessoal e comunitário através do contato com narrativas literárias. Para tal, elencamos a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do escritor nacional Machado de Assis. Utilizamos como critérios de escolha a riqueza de detalhes e a pertinência temática do romance que embora tenha sido publicado em 1881, se mostra atual nas questões que aborda. Nele podemos encontrar diversos pontos do debate filosófico, entre eles temas da ética, política e, especialmente, da filosofia social. Assim, a narrativa literária como o autor neopragmatista sugere, pode nos impactar, nos chamar a atenção para discursos que estão naturalizados e não querem ser objeto de questionamentos. Considerando esse aspecto, fez-se necessário a realização de mais um recorte, desse modo elegemos a crítica que Machado de Assis faz às ações de uma sociedade que, de forma cruel, exclui a pessoa com deficiência de determinados espaços.

Essa crítica é feita através da narrativa da situação vivida pela personagem Eugênia. A “flor da moita”, como ela era chamada, nasce de uma relação extraconjugal e, assim, é *marcada* em sua história por ser coxa, o que a impede de se casar, de ter uma vida diferente da exclusão e marginalização.

É nesse sentido que propomos o antiessencialismo de Rorty como uma visão alternativa aos comportamentos excludentes como os vividos por Eugênia. O neopragmatista norte-americano chama a atenção para a importância do trabalho dos romancistas. Ele versa que estes são especialmente habilidosos em descrever, e detalhar aspectos da vida que podem ser negligenciados por uma parcela de nossos concidadãos. No campo teórico, a sua crítica se volta contra os esforços de filósofos metafísicos em buscar uma essência norteadora para nossas ações. Assim, a crítica rortyana aponta para a possibilidade de que se considerarmos a existência de essências, tais como as de um corpo essencial, paradigmático ou normativo, nós acabaremos dando margem para a produção de discursos nocivos ou, no mínimo, perigosos no que tange aos contextos éticos, sociais e políticos.

Considerando esses aspectos, dividimos nossa abordagem em dois momentos. No primeiro discutiremos como podemos relacionar o antiessencialismo e narrativa com a crítica à exclusão da pessoa com deficiência e para tal daremos ênfase à situação experimentada por Eugênia nos momentos de interlocução e reflexão de *Brás Cubas*. No segundo momento focaremos na apresentação e problematização da proposta neopragmatista de Rorty (1994, 1999; 2007), abordando o antirepresentacionismo, e a literatura como utilidade social, através da sugestão rortyana da aproximação da filosofia com a literatura.

2. Antiessencialismo e narrativa: observações sobre um espaço não compartilhado

É importante frisar que a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, foi escolhida como recorte temático não com o fito de debatermos as características literárias que ela possui. Mas a escolha se baseia em nosso objetivo de demonstrar a maneira como a personagem Eugênia é situada em uma sociedade que a marginaliza pelo fato de não se enquadrar nos padrões corporais. Destarte, o fato de Eugênia possuir uma deficiência é tido como fator de exclusão e discriminação por parte de uma sociedade que estabelece um modelo ideal para o corpo. Ressaltamos, que mesmo que a obra em tela tenha seu contexto histórico e de escrita situado no Brasil dos anos de 1880, não devemos deixar de perceber a importância e a proximidade da abordagem das temáticas para com o corpo e especificamente o corpo com deficiência para os dias atuais.

Destarte, iniciamos nossa reflexão com o seguinte trecho que se refere a Eugenia: “O pior que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste

faria suspeitar que a Natureza é às vezes um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita (ASSIS, 2012, p. 74). Vemos que a fala de Brás Cubas, personagem representante de uma classe social abastada e escravocrata, é carregada de uma visão distorcida e discriminadora em relação a Eugênia, e de certa maneira, essa visão ainda perdura nos dias atuais. Assim, entendemos que a noção de um modelo para o corpo é fruto de diversas concepções equivocadas, dentre elas as de que o corpo para ser considerado aceitável para ocupar um espaço tem que atender padrões estéticos ditos “normais”.

Feitas essas considerações iniciais, e partindo da problematização sobre essência e narrativa realizada por Rorty (1994, 2007, 2009) a qual se refere ao poder destabilizador da literatura pois ela tem uma capacidade de retirar os corpos dos lugares que outrora foram engessados, ou seja, o texto literário é capaz de tirar de nossos tronos do senso-comum para que possamos lançar novos e melhores olhares para questões que são de suma importância para uma melhor relação comunitária (RORTY, 2007). Eugênia que na visão descrita na obra é bonita, mas é coxa, e por ser coxa não pode compartilhar ou ser incluída no espaço social do casamento, pois existe algo que a torna invisível, que não permite sua participação plena nas diversas esferas de experiência da vida. Compreendemos que esses mecanismos vão desde a construção de discursos baseados em noções de belo e feio, certo e errado, retidão e vício e até medidas inescrupulosas como o uso de violência para evitar a quebra da ordem imposta.

Dessarte, o trecho abaixo pode ser elucidador para adentrarmos um pouco mais na questão proposta:

Levanta-te, e entra na cidade”. Essa voz saía de mim mesmo, e tinha duas origens: a piedade, que me desarmava ante a candura pequena, e o terror de vir a amar e deveras desposá-la. Uma mulher coxa! Quanto a este motivo de minha descida, não há de se duvidar que ela o achou e mo disse. Foi na varanda, na tarde de uma segunda-feira, ao anunciar-lhe que na seguinte manhã viria para baixo. – Adeus – suspirou ela estendendo-me a mão com simplicidade; -- faz bem. E como eu nada dissesse, continuou: -- Faz bem ao ridículo de casar comigo. – Ia dizer-lhe que não; ela retirou-se lentamente, engolindo as lágrimas (ASSIS, 2012, p. 75-76).

O que percebemos é que Brás ao anunciar seu retorno para outra área da cidade demonstra dois pontos do discurso de negação de um relacionamento com Eugênia, o primeiro diz que sente piedade, e o segundo o terror que seria amar uma mulher coxa. Percebemos que o discurso que se volta inteiramente para a normatividade corporal é tão arraigado que a própria Eugênia se nega a ter o direito de partilhar de outros espaços. Esse discurso invisibiliza, estratifica, exclui e conseqüentemente marginaliza, nos alertando para que não cometamos tais erros. Dessa maneira, ser uma pessoa com deficiência impede Eugênia de ter acesso a esse espaço de experiência, levando a um engessamento do seu corpo em um quinhão específico da sociedade pelo fato de ser não ser considerado esteticamente normativo ou

esteticamente funcional. A exclusão, causada por discursos que não levam em conta a construção de cada sujeito, é cruel. Não podemos cair na falácia da naturalização desses modos de pensar. O trecho a seguir denota como esse discurso leva o corpo não normativo para a marginalidade social:

Enquanto considere que as botas apertadas são uma das maiores venturas da terra, porque, fazendo doer os pés, dão azo ao prazer de as descalçar. Mortifica os pés desgraçado, desmortifica-os depois, e aí tens a felicidade barata, ao sabor dos sapateiros de Epicuro. Enquanto essa ideia me trabalhava no famoso trapézio, lançava eu os olhos para a tijuca e via a aleijadinha perder-se no horizonte pretérito, e sentia que meu coração não tardaria também a descalçar as suas botas (ASSIS, 2012, p. 75-76).

É nesse sentido que Rorty (1999, 2007) trava uma discussão em torno das noções de narrativa e teoria levando em consideração sua aplicação em um contexto prático. Assim, buscando apontar motivos para os filósofos dispensarem maior atenção à narrativa em vez de discussões teóricas, o neopragmatista americano vai sustentar seu posicionamento antiessencialista já expressado em outras obras. Nesse sentido, a aproximação que Rorty (1999; 2007) faz das narrativas literárias e do antiessencialismo é pertinente em nossa argumentação sobre o corpo com deficiência. Elencamos dois motivos para isso, o primeiro é por nos aproximar de realidades outrora desconhecidas, haja vista que a riqueza de detalhes constantes em uma obra literária pode contribuir para desnaturalização de práticas culturais cruéis e excludentes. O segundo motivo é por nos fazer criticar a ideia de uma essência, ou seja, de algo se construa como um padrão definitivo e de encontro à diversidade e múltiplas formas que as pessoas têm de se apresentar ou compreender o mundo. Assim, o antiessencialismo nos afasta da noção de corpo esteticamente normativo e nos leva para compreensão das múltiplas formas de corporeidade.

Isso posto, apontamos como um posicionamento essencialista e, portanto, que desconsidera as múltiplas formas de corporeidade a seguinte passagem:

Tu, minha querida Eugênia, é que não as descalçaste nunca; foste aí pela estrada da vida, manquejando da perna e do amor, triste como os enterros pobres, solitária, calada, laboriosa, até que vieste também para esta outra margem... O que eu não sei é se a tua existência era muito necessária ao século. Quem sabe? Talvez um comparsa de menos fizesse patear a tragédia humana (ASSIS, 2012, p. 77).

No trecho acima há um questionamento da necessidade da existência de Eugênia, percebe-se que a pergunta está ligada a ela ser uma pessoa com deficiência. Portanto, ser uma pessoa com deficiência estaria fora de uma corporeidade normativa ou fora da essência do que seria um corpo, chegando ao extremo de chamar essa existência de tragédia. Assim, frisamos que discursos preconceituosos que são historicamente construídos para engessar as pessoas em quinhões específicos dos espaços sociais, agem para invisibilizar a dor, o sofrimento, e o mais grave, para naturalizar essas condutas. Rorty (1999; 2007) ao negar a ideia de essência está refutando esses discursos padronizadores.

Dessarte, a negativa de Rorty (1997, p.13) para essas e outras questões nos indicam seu posicionamento antirepresentacionista caracterizado por: “[...] uma avaliação que não vê o conhecimento nem como uma questão de dar uma pretensão de realidade, nem tampouco como uma questão de adquirir hábitos de ação para lidar com ela”.

À vista disso, quando falamos da realidade a ser representada, da correta descrição de um objeto feita pela linguagem, ou de uma cópia que a mente faz de um objeto e representa a real imagem das coisas, temos a sensação de que estamos nos aproximando de algo que existe por si só, ou seja, que existe independentemente das interações humanas. Esse ponto de vista, a princípio, pode parecer cético ou solipsista tendo em vista a roupagem de dúvida excessiva ou mesmo a consideração da existência de uma ambiência mental puramente individual. No entanto, o antirepresentacionismo rortyano nos indica um outro caminho, que no caso em tela é o afastamento de uma visão metafísica sobre a natureza do conhecimento, rumando para uma concepção pragmática e centrada na capacidade de conversação dos seres humanos. Nesse sentido:

Outra forma de caracterizar essa linha de pensamento é dizer que os pragmáticos gostariam de abdicar da ideia de que seres humanos são responsáveis por um poder não-humano. Nós esperamos por cultura humana na qual questões sobre a “objetividade dos valores” ou a “racionalidade da ciência” pareçam igualmente ininteligíveis. Os pragmáticos gostariam de substituir o desejo por objetividade — o desejo de estar em contato com uma realidade que é mais do que alguma com a qual nós nos identificamos — pelo desejo por solidariedade com essa comunidade (RORTY, 1997, p.60).

Dessa forma, pretendemos apontar para uma importante qualidade humana que é a capacidade de perceber a diversidade de formas que o mundo se apresenta e que através da conversação, do contato com a literatura, podemos melhorar nossa maneira de agir, respeitando as diferenças individuais e coletivas. Assim, nos aproximamos da filosofia rortyana pois ela apresenta uma proposta instigante a de que há esperança social, focada em nós seres humanos como agentes da transformação que o mundo pode sofrer. Não buscamos o caminho mais fácil, se é que esse adjetivo pode qualificar qualquer escolha, o que tentamos é ver de outra forma, é fugir das amarras de um modelo de conhecimento ou justificação das relações entre pessoas e mundo que se proponha a ser fundante ou essencial e por possuir tal característica não pode ser questionado.

Não podemos ver privilégios sem questioná-los de maneira crítica, é nesse sentido que entendemos, como Rorty (1994), que não devemos promover visões privilegiadas de mundo, sejam elas de qualquer natureza. Pensamos que se fizermos assim, estamos dando margem para atitudes que trouxeram grandes danos para o mundo, a citar algumas: a visão dos nossos colonizadores que se achavam os escolhidos para povoar e enriquecer nas novas terras, e para citarmos exemplos

contemporâneos percebemos, em debates sobre uma suposta estrutura familiar ideal, sobre as roupas que as mulheres têm que vestir em espaços públicos, a tentativa de usar elemento privilegiado, fundante ou essencial nessas situações. Desse modo, pensamos que uma sociedade, em que as atitudes de seus membros se baseiem em um conhecimento que se proponha a representar a realidade ou mundo como ele é, deve repensar essas atitudes para que seja possível dar espaço para as múltiplas formas que esse mundo se apresenta.

3. Neopragmatismo e literatura como utilidade social

Ao analisarmos o antirepresentacionismo narrado por Rorty, percebemos que sua proposta é que deixemos de lado a busca pela fundamentação da natureza do conhecimento como algo que está “fora” de nós. Indo mais a fundo, não devemos cultivar nem a ideia de fundamento tampouco a ideia de natureza, esta última entendida como a essência a ser alcançada. Essa avaliação é defendida pelo neopragmatista americano, para tal, ele vai deslocar o debate teórico do campo da epistemologia para outras áreas da cultura como a literatura. Ao fazer esse movimento, ele nos apresenta como sugestão uma visão para nos relacionarmos com o mundo que vai de encontro às ideias de representação trazidas por parte da tradição filosófico-epistemológica. Segundo Rorty (1994) essa visão teve muito pouco espaço durante a maior parte das discussões e é baseada nos acordos comunitários, na nossa capacidade de mantermos um diálogo sobre temas de interesse comum. Assim, o objetivo a ser alcançado é que nos tornemos mais solidários com os membros da comunidade na qual fomos aculturados.

Para alcançarmos o objetivo supracitado, para o momento em que Rorty (2007) esboça a sua noção de utopia liberal na qual a literatura ocuparia um papel de destaque. O argumento é que os literatos e em especial os romancistas possuem uma grande capacidade imaginativa e descritiva. Segundo o neopragmatista americano essa capacidade de descrever ou de narrar com riqueza de detalhes é um contraponto ao desejo metafísico que alguns teóricos sustentam de que é possível representar a realidade tal como ela é, ou seja, teorias epistemológicas que de certa forma apontam para as ideias de essências ou representações deixando de lado a diversidade que o mundo pode apresentar.

Endossamos que Rorty refuta a ideia de que algo possa ocupar um espaço para dizer como as coisas são como são, ou seja, que não temos nenhum critério de avaliação que seja “neutro”, ou que esteja acima dos outros para definirmos nossa relação com o mundo. Dessarte, quem assim se posiciona estaria se direcionando para uma solução metafísica. Corroborando com essa ideia, o filósofo neopragmatista através da defesa ao antirepresentacionismo, vai criticar o que Hilary Putnam chama de o ponto de vista do olhar Deus, assim, o trecho abaixo que confirma esse posicionamento, diz:

Isso acontece porque uma das consequências do antirepresentacionalismo é o reconhecimento de que nenhuma das descrições do modo como as coisas são feitas a partir do ponto de vista do olhar de Deus, de que nenhum gancho celeste propiciado por alguma ciência contemporânea – ou a ser ainda desenvolvida – caminha para libertar-nos da contingência de termos sido aculturados como nós fomos” (RORTY, 1997, p. 27).

Desse modo, se considerarmos uma visão sem o ponto de vista do olhar de Deus, e focada na contingência da ambiência de nossa aculturação, estaremos fazendo o movimento de deslocamento para, no dizer de Rorty, outras áreas da cultura, pois em sua análise a filosofia, as ciências da natureza e a crítica literária, são esferas dessa cultura. Dizendo de outra maneira, no caso da filosofia e das ciências naturais que foram priorizadas com uma visão que propunha ser definitiva, a priori ou representacionalista de uma realidade na qual a nossa participação como seres humanos se reduziria as “descobertas” de nossas percepções sensoriais, Rorty (1997), gira a roda do leme para uma investigação sobre a natureza do conhecimento que só pode ser, uma avaliação histórico-social ou contingente e comunitária “de como pessoas variadas tentaram alcançar concordância sobre aquilo que acreditam” (RORTY, 1997, p. 41).

É notório que o imaginário, dos membros de nossa comunidade, está permeado da ideia de que o mundo é nosso laboratório particular e tudo que temos que fazer é “girar nossas centrífugas”, “mergulhar mais fundo no oceano”, ou simplesmente levantar uma pedra na floresta para ver se ficamos mais próximos de completar esse quebra-cabeças. No entanto as coisas não parecem ser tão simples, é claro que nossa constante busca por mais e melhores técnicas vem transformando radicalmente nossas vidas. Ao tempo em que essas melhorias derrubaram teorias como as de Tomas Malthus ou fizeram o homem atravessar oceanos em horas, concordamos com Rorty (1997) que nada indica que estamos mais perto de um metavocabulário que explica tudo isso. Podemos pensar que esses avanços, e como os explicamos, são até certo ponto mais úteis do que os mitos gregos podem ser para explicarmos como o mundo à nossa volta é justificado, mas daí a pensar que essa maneira é a “representação correta” ou o passo seguinte do metavocabulário já não é tão seguro de se pensar.

O problema é que enquanto estamos à procura dessas partes parece que ficamos momentaneamente cegos para as questões mais sensíveis a nós, tais como a maneira que tratamos a situação indígena no nosso país, como desmatamos, queimamos, invadimos, e garimpamos áreas de floresta que são protegidas e destinadas à vivência deles. A pequena população indígena que temos em nosso país sofre com o discurso modernizador, centrado na ideia de descobrimento, de avanço tecnológico, justificados em parte por uma noção de progresso que a “humanidade necessita”. Nosso posicionamento não é contrário ao avanço tecnológico, nem ao “progresso”, entendemos que a sociedade

como um elemento historicamente modificado se baseia em mudanças das técnicas que o homem utiliza para aumentar suas chances de sobrevivência em nosso planeta.

Isso não significa que após séculos de luta e adaptação, de várias experiências, das quais os próprios seres humanos são as “cobaias”, não podemos tentar escapar de uma lógica cruel e discriminatória que beira a animalidade; que em nome de algo que parte da sociedade elenca como essencial, ou seja, como o modelo correto e deixando de lado medidas que nos ajudem perceber e evitar a dor e o sofrimento vivenciados pelos outros membros de nossa comunidade. Assim, nos conectamos à palavra conhecer de maneira que ela leva em consideração uma Verdade do mundo e que o processo para se adquirir essa Verdade nos deixa mais próximos da realidade, ou da maneira correta de compreender como esse mundo é. Desse modo:

Se nós apreendermos que o coração do pragmatismo é a sua tentativa de substituir a noção de crenças verdadeiras enquanto “representação da natureza das coisas” e, ao invés disso, pensarmos em crenças como regras auspiciosas de ação, então fica fácil recomendar uma atitude experimental, falibilista, mas difícil de isolar um “método que venha a corporificar essa atitude” (RORTY, 1997, p. 94).

Dessa maneira, quando buscamos o entendimento do mundo como ele é, trazemos para a discussão um elemento importante que é: de que maneira fazemos ou sabemos que estamos nos aproximando dessa representação exata? Por que deveríamos pensar que estamos montando o quebra-cabeças da maneira correta? Um método que produz conhecimento e este pode ser justificado. Suponhamos que o método das ciências naturais que envolve hipótese, experimentação e resultados nos indique a melhor maneira que possamos atualmente justificar como o que sabemos é real e não uma fantasia, mas com certeza “[...] nós temos o dever de falar com cada um dos outros, de conversar sobre nossas visões de mundo, de usar a persuasão ao invés da força, de sermos tolerantes frente à diversidade, de sermos contritadamente falibilistas (RORTY, 1997, p. 96).

Desse modo, buscamos argumentar que o posicionamento antirepresentacionista esboçado por Rorty é um caminho que o autor oferece para teorias filosóficas edificantes, e como exemplo trataremos, em linhas gerais, a utopia liberal rortyana expressada na seguinte obra: *Contingência, ironia e solidariedade*. Antes adentramos em alguns aspectos da proposta da utopia liberal trazemos o trecho abaixo que versa de forma bastante elucidativa como Rorty faz o movimento de abandono do paradigma epistemológico e ruma para uma noção de filosofia conversacional e edificante:

Embora o anti-representacionismo seja constantemente referido por Rorty para designar a sua atitude diante de questões epistemológicas, ele também aparece indiretamente nos seus textos de temática não epistemológica. Isto ocorre porque, tal como será visto, é a partir das consequências extraídas de sua avaliação anti-representacionista do conhecimento que Rorty formula as suas demais propostas nos âmbitos cultural, social e

político. [...] ele apresenta tanto a crítica anti-representacionista quanto a proposta de abandono do paradigma epistemológico em prol de uma atitude filosófica conversacional (SILVA, 2020, p. 396).

Com o trecho acima, firmamos nosso posicionamento sobre o abandono do representacionismo. Assim, discutiremos alguns aspectos da proposta de utopia liberal, a qual é construída sobre a noção da separação entre os discursos que usamos para construir nossos aspectos públicos e privados, ou seja, a forma como aprendemos a nos relacionar com os outros membros de nossa comunidade e a forma como nos relacionamos com nós mesmos. Na proposta utópica liberal rortyana devemos separar esses discursos e que a tentativa de tentar explicar, com o mesmo vocabulário, essas duas esferas da atividade humana vêm se mostrando infrutíferas, pois nos levam para argumentações metafísicas e circulares das nossas relações comunitárias.

Uma possível saída para esse problema é procurarmos entender que a busca por autocriação, ou seja, a maneira como tentamos nos tornar novas e melhores pessoas, tem que levar em consideração uma relação de respeito pelos interesses coletivos. Pensando dessa maneira nossos interesses pessoais não podem ser justificados de forma que nos estabeleçamos no centro do mundo e partir do que consideramos com a Verdade absoluta e passemos a ditar o que os outros seres humanos têm que fazer para satisfazer nossas vontades. Nossa autocriação deve ser um processo que não interfira nos sonhos e desejos das outras pessoas e deve ser pautada na compreensão de nossa existência como contingente. Dessa forma, o fato de termos nascido em país tropical, com a maior reserva de água doce do mundo e falantes da língua portuguesa não faz de nós, de maneira alguma, mais especiais do que aqueles que nascerem em um país de clima árido e falantes de outro idioma (RORTY, 2007).

A contingência de nossas vidas não as torna nem mais e nem menos privilegiados do que os outros quando se trata do modo como encaramos problemas como a escassez hídrica, não podemos fechar os olhos e dizer que somos abençoados por termos água potável o suficiente para desperdiçarmos lavando carros e calçadas enquanto uma outra parcela dos seres humanos, que podem até mesmo estar na mesma cidade que moramos, não a possui em boa qualidade para suas necessidades básicas como para cozinhar e para se hidratar. O que fazer para que possamos mudar atitudes que momentaneamente parecem ser vantajosas, mas no fim acabam sendo atos de crueldade com nossos concidadãos? Concordamos com Rorty (2007) que podemos transformar nossas atitudes através do uso de palavras nossas ou do abandono de outras que não se mostram úteis para explicar como encaramos a relação com o mundo à nossa volta.

Consequentemente podemos pensar como pode ser nocivo alimentar um vocabulário que contenha ideias de que fazemos parte de um grupo seletivo, abençoado, porque, de certa maneira estamos em contato com algo fora de nossos espaços de vivência e esse algo pode nos dizer como as coisas

realmente são, pode nos dizer o parâmetro definitivo que devemos seguir. Desse modo, pensar em vocabulários alternativos é um caminho para alcançarmos novas maneiras de descrever situações que não contribuem para nosso desenvolvimento, nem como pessoas e tampouco como comunidade. Assim, poderíamos ver a forma como falamos de uma maneira prática, ou seja, cada ação que realizamos e comunicamos através da linguagem tem um resultado e dependendo de qual vocabulário utilizamos elas podem confundir os desejos públicos com objetivos individuais de satisfação de desejos que não devem ser concretizados pois não seriam condizentes com um ideal de justiça e liberdade (RORTY, 2007; 2010).

A proposta de criar novos vocabulários se correlaciona diretamente com método da redescritção que resumidamente seria:

[...] descrever uma porção de coisas de maneiras novas, até criar um padrão de conduta linguística que tente a geração em ascensão a adotá-la, com isso fazendo-a buscar novas formas apropriadas de comportamento não linguístico — por exemplo, a adoção de um novo equipamento científico ou de novas instituições sociais. Esse tipo de filosofia não trabalha passo a passo, analisando um conceito após o outro ou verificando hipótese após hipótese. Ele funciona, antes, de forma holística e pragmática. Diz coisas como “tente pensar nisso desta maneira”, ou, mais especificamente, “tente ignorar as questões tradicionais visivelmente fúteis, substituindo-as pelas seguintes questões novas e possivelmente interessantes. (RORTY, 2007, p. 34-35).

Assim, através do método redescritivo, Rorty (2007) nos apresenta a figura do ironista liberal, este seria o indivíduo capaz de compreender que os aspectos que envolvem a sua comunidade, não são necessariamente os mesmos que elenca para o seu desenvolvimento pessoal. A princípio essa ideia pode parecer controversa, porém o ironista é um indivíduo que tem consciência do caráter contingente de sua vida e que suas interações comunitárias são passíveis de mudança. O segundo aspecto é o liberal, que é o indivíduo que entende a crueldade como a pior coisa que os seres humanos possam fazer (RORTY, 2007).

Com o foco no problema da crueldade, a proposta de Rorty (2007) é a aproximação da filosofia com a literatura. Para ele os livros podem nos impactar e conseqüentemente causar mudanças em nossa perspectiva em relação ao mundo. Corroborando com a construção da figura do ironista liberal, Rorty (2007) nos diz que existem dois tipos de livros: aqueles que nos são úteis para o melhoramento de nossa autoconstrução, ou seja, os que nos ajudam a nos tornarmos novas e melhores pessoas como os escritos por Proust, Nietzsche, Heidegger e Derrida. O segundo tipo de livros, são aqueles que nos ajudam a melhorar nossa relação com a comunidade, percebendo práticas cruéis que as pessoas sofrem de outros indivíduos ou instituições, como os escritos por Nabokov e Orwell (RORTY, 2007).

Rorty não se limita apenas à literatura como motor para uma mudança que ele chama de esperança social. Ao propor a literatura como aliada da filosofia para que de forma prática passemos encarar o acaso

digno de guiar nossas vidas, Rorty (1999) aponta para uma possível função social da narrativa e, conseqüentemente, para uma importante característica que o romancista possui que é, através da imaginação, sua capacidade de descrever situações com grande riqueza de detalhes. O romancista não busca a essência, o padrão ou fundamento do mundo, pelo contrário o espírito do romance é o da diversidade, assim:

O substitutivo que o romancista encontra para distinção entre aparência e realidade é a exposição de uma diversidade de pontos de vista, de uma pluralidade de descrições dos mesmos eventos. O que o romancista considera especialmente cômico é a tentativa de privilegiar em dessas descrições de toma-la como uma desculpa para ignorar todas as outras (RORTY, 1999, 105).

Desse modo, a passagem acima pode ser correlacionada com o posicionamento antiessencialista, bem como tendo compreensão de nossa formação contingente, poderíamos ser capazes de remover o véu da ignorância em situações de crueldade. Assim, trouxemos a obra *Memórias Póstumas de Brás de Cubas* de Machado de Assis. Como citado acima, ambientada e escrita em 1880, a obra narra as memórias de Brás Cubas, personagem representante de uma sociedade escravocrata que na sua infância montava em uma criança negra a fazia de “cavalinho” para seu entretenimento. Sem recriminações, por partes de seus pais, sobre sua conduta Brás segue a vida achando que aquilo era apenas uma meninice. Na fase adulta como demonstramos na primeira seção deste trabalho tem um encontro com a Eugênia, a qual ele descarta como esposa pelo fato de ela ser uma pessoa com deficiência. Entendemos que críticas como essa que Machado de Assis faz nos ajuda a entender que a situação da pessoa com deficiência em nosso país não deve ser tratada com a indiferença e com a transferência de culpa que muitos fazem. Algumas pessoas ao criticarem o sistema de cotas, ao dificultarem o acesso tanto aos espaços físicos como sociais, a exemplo do casamento, acabam se deixando cegar pelo véu da ignorância e a literatura pode ser, como tentamos discutir com a ajuda do Neopragmatismo, uma excelente maneira de fazer com que esse véu caia.

Portanto, a proposta esboçada acima se mostra como edificante, pois Rorty afirma que, a filosofia e a literatura, ao trabalharem em conjunto, seriam uma nova forma de tentar melhorarmos a nós mesmos e a comunidade a qual estamos inseridos. Rorty nos mostra um caminho mesmo que não é totalmente novo, mas muito esperançoso e edificante, no sentido de renovação e fuga de padrões, para tentarmos encarar um mundo que por elencar essências, padrões ou formas corretas de representação vai acabar por excluir, discriminar ou violentar pessoas que precisam de respeito, de igualdade e justiça. Ele nos indica um caminho, que problemas como os que citamos podem ser amenizados pela nossa capacidade de

conversação e que a capacidade de persuasão dos filósofos aliada à capacidade descritiva dos romancistas é uma via aceitável para criarmos um mundo melhor.

4. Considerações finais

As ideias aqui expostas sugerem que a arte é um espaço de desnaturalização de conceitos nocivos para nossa convivência social. Assim, fizemos um movimento de aproximação dessas ideias e buscamos demonstrar a pertinência desse raciocínio através da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, especificamente pela representação da situação vivida pela Personagem Eugênia. Dessarte, apontamos a importância de trabalharmos temáticas que nos tornem pessoas com mais sensibilidade para com outro, bem como nos levem à construção de uma sociedade que não marginalize, discrimine, ou torne as pessoas invisíveis dentro dos espaços de experiência que todos podem partilhar. Que consideremos as diversidades e procuremos encontrar a melhor maneira de vivência para todos.

Com base no que problematizamos nos tópicos acima, sustentamos que o distanciamento das teorias que se proponham a representar a realidade, é um caminho cheio de desafios, porém esperançoso, e no sentido prático, ultrapassa os muros da excessividade teórica. Pensar em como a relação entre conhecimento e mundo pode afetar diretamente a nós e aos demais membros de nossa comunidade é instigante e nos faz desnaturalizar velhos conceitos. Rorty propõe que tentemos algo diferente, e através do ironista liberal discute como a persuasão, ou seja, nossa capacidade argumentativa e dissolutiva de problemas pode nos ajudar a construir uma comunidade mais justa e igualitária. Assim, buscando apontar razões para enfatizarmos a conversação, os acordos coletivos e evitar a crueldade. O autor neopragmatista ao citar o romance como exemplo de como as narrativas podem ser um caminho para igualdade e liberdade, corrobora com o posicionamento ao qual se reporta à literatura como área da cultura que passou a se ocupar de assuntos outrora tratados pela filosofia visto que esta enveredou pela busca do essencialismo, do representacionismo, ou seja, pela busca da unificação.

Assim, Rorty (1999) afirma que na busca pelo ideal de liberdade e igualdade os romancistas seriam socialmente mais úteis, no sentido de que não privilegiam apenas uma descrição de mundo, do que a busca por uma representação correta e apurada do mundo como ele é. Assim, estaríamos menos inclinados à crueldade, conseqüentemente aumentando nossa capacidade de tolerância, reduzindo preconceitos e julgamentos.

Referências

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

RORTY, Richard. **A Filosofia e o espelho da natureza**. Trad. Antônio Trânsito. São Paulo: Relume Dumará, 1994.

_____. **Contingência, ironia e solidariedade**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. Heidegger, Kundera e Dickens. In: RORTY, Richard. **Ensaio sobre Heidegger e outros**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p. 95-113.

_____. Introdução: Antirepresentacionalismo, etnocentrismo e liberalismo. In: RORTY, Richard. **Objetivismo, relativismo e verdade**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997a. p. 13-33.

_____. Solidariedade ou objetividade. In: RORTY, Richard. **Objetivismo, relativismo e verdade**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997a. p. 37-53.

_____. A ciência natural é um gênero natural. In: RORTY, Richard. **Objetivismo, relativismo e verdade**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997a. p. 69-89.

_____. **Filosofia como política cultural**. Trad. João Carlos Pijnappel. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SILVA, Heraldo Aparecido. A filosofia na perspectiva anti-representacionista de Rorty: da imagem especular à ênfase na linguagem como prática social. **Griot (PUC-SP)**, v. 20, n.3, p. 392-403, 2020.

Recebido em: 09/02/2023

Aceito em: 21/03/2023